

# humanitas

Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLUME I

PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELO «FUNDO  
SÁ PINTO» (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

COIMBRA // MCMXLVII

## Humanistas portugueses contemporâneos

Há-de entender-se aqui a palavra *humanista* em seu sentido restrito. Longe de querermos referir-nos àquele vago conceito do humano, a que muitos andam affectos, e que não implica necessariamente uma cultura greco-latina especializada ou sequer mediana, indicaremos apenas, por meio de tal palavra, os que, sem perda do seu sentido de humanismo integral, realizaram em nosso tempo menor ou maior parte do programa que para os cultores das letras gregas e latinas originou tal denominação.

Dentro deste especificado conceito, forçoso é verificar que o número de humanistas portugueses recentemente falecidos ou afastados da actividade normal que o humanismo pressupõe — únicos de que falamos aqui — é manifestamente reduzido. Da sua obra, mais ou menos completa, os actuais estudos greco-latinos algo têm aproveitado. Mas nem por isso podemos esquecer que as últimas vicissitudes das letras clássicas se revelam nitidamente nos próprios aspectos da actividade escolar desses humanistas.

Raro será aquele que não tenha vindo a público defender o prestígio e o valor dos estudos da sua especialidade, e raro será também o que não tenha intervindo em reformas e programas do ensino liceal e superior, no sentido de um maior alargamento do quadro das letras clássicas. Não se entremostra, nesse aspecto da sua actividade externa, qualquer jeito de interessado clamor *pro domo sua*, mas tão-sòmente o claro intuito de orientar a instrução pública, em meio das constantes alegações que os cultores das técnicas e ciências modernas levantavam contra elas.

Não se pode negar que, de modo geral, tais arremetidas vingaram, apesar dos esforços desses humanistas. A aristo-

crática soledade dos actuais estudos clássicos é filha da incompreensão de muitos e da ignorância da maior parte; e, se bem que se vá agora, de quando em quando, vencendo a força da corrente, por muito tempo ainda serão visíveis os estragos causados na cultura humanista pelas tendências de absorção de quantos procuram mais depressa o domínio da técnica e as facilidades da vida prática, do que estimam os dons do espírito, que somente uma contínua e longa peregrinação nos permite criar.

Valor ou deficiência característica da cultura clássica é esta de que os seus efeitos intelectuais e sociais não são inteiramente visíveis, por isso mesmo que a sociedade se modificou e vive para outros objectivos. O prestígio que possuía em circunstâncias históricas que ela mesma influenciava ou de que era reflexo, foi-se perdendo lentamente, embora estejamos em crer que não aconteceu isso tanto por seu defeito intrínseco como por inadaptação dos seus cultores.

Assim é que, ao mesmo tempo que o seu prestígio se comprometia, levado de vencida por vantagens externas e materiais, que a cultura das chamadas humanidades modernas originava, o estudo das humanidades clássicas mais e mais se requintava e se afastava dos interesses imediatos dos novos espíritos. Em vez de se patentear particularmente o sentido do humano que as letras clássicas possuíam, em vez de se pôr em evidência o interesse filosófico, estético, sentimental e moral que nelas se continha, entrou-se pelo caminho da investigação erudita e científica, para acompanhar, é verdade, a tendência dos estudos linguísticos modernos, mas caindo assim em processos de investigação que só um conhecimento muito completo das línguas clássicas e um amor e interesse já manifestos pelas respectivas literaturas poderiam indicar e favorecer.

A verdade, porém, é que as sucessivas limitações do estudo das letras clássicas no quadro do ensino liceal, derivadas muitas vezes da insuficiência ou número reduzido de professores aptos para tal ensino, em virtude de anteriores circunstâncias sociais e políticas, deixavam os alunos do curso secundário deficientemente preparados no domínio e cultivo dessas matérias. Antes de se entrar no conhecimento filológico e científico do grego e do latim, forçoso era, portanto, desenvolver, por meios

adequados, nos futuros alunos dos cursos de especial formação científica, o gosto e a segurança destas línguas e patentear-lhes o sistema das ideias e sentimentos que podiam interessar aos problemas do mundo moderno. Só nas altas esferas da investigação científica se estudam as leis e fenómenos da vida por amor dessas leis e fenómenos. Mas esse mesmo amor desinteressado não pode criar-se, sem que tenha anteriormente havido um interesse mais imediato e impulsivo.

\*

#            #

Â orientação filológica alemã, com suas ramificações de origem francesa, entrou em Portugal com Adolfo Coelho, para o domínio das línguas românicas, e com Epifânio Dias, para o campo menos cultivado das línguas clássicas. Desta última circunstância resultou consequentemente uma inferioridade manifesta no número de investigações linguísticas respeitantes ao grego e ao latim.

Não teria sido estranha a razões de patriotismo e de interesse mais imediato a preferência que os próprios cultores das letras clássicas deram aos estudos de filologia românica. Mas certamente andou nisso também a impossibilidade de criar, nos cursos superiores, um corpo de investigadores decididos e ardorosos, cujo interesse só poderia provir de um ambiente favorável à difusão da cultura clássica. Ora esse ambiente tinha de ser previamente criado e cultivado por espíritos menos afeitos à investigação científica do que ao estudo e discussão das literaturas antigas, por isso mesmo que a sua capacidade de irradiação era maior e mais dúctil.

Colocado deste modo na alternativa de criar um clima de cultura clássica suficientemente largo e maleável, e de seguir os caminhos da investigação científica que outros países, mais ricos no conhecimento das línguas clássicas e no gosto e difusão das respectivas literaturas, haviam aberto, o ensino humanístico em Portugal encaminhou-se para esta última solução, originando assim à sua volta a rarefeita atmosfera que levou à incompreensão de muitos e ao declarado menosprezo de alguns.

O problema dos estudos clássicos em Portugal era bastante diferente daquele que se propunha a outros povos, porque era duplo e espinhoso em cada um dos seus aspectos. A sua renovação — que para esses países consistia essencialmente em melhorar os métodos de investigação e em abrir novos caminhos de utilidade científica para o estudo das línguas modernas — dependia em Portugal não só desse factor, mas também de um outro, para nós importantíssimo : —o da prévia difusão do conhecimento prático e, digamos, utilitário das línguas e letras clássicas.

De modo geral, não se enveredou por este primeiro e tão necessário caminho. Os poucos alunos que chegavam às Universidades já dotados desse conhecimento, ou que nelas facilmente o puderam aperfeiçoar, entraram com gosto no domínio da investigação filológica ou, pelo menos, no estudo das suas observações e conclusões. Mas a maioria dos espíritos dados ao cultivo das línguas modernas e aos problemas das literaturas respectivas viram fechado para si, por insuficiente domínio das línguas clássicas, o horizonte estético e mental de que necessitavam.

Nada se ganha em ocultar a verdade. E a verdade é que os próprios cultores da filologia clássica, solicitados por um ambiente mais favorável ao estudo das línguas românicas e pelo imenso campo inexplorado que se abria na zona da língua portuguesa, puseram, na maior parte, a sua preparação e esforço ao serviço da língua e da literatura nacional. A própria defesa dos estudos clássicos passa a fazer-se neste último sentido, e as razões filológicas acumulam-se para mostrar o valor *instrumental* das línguas clássicas, — o que, se não era caminho a que faltasse verdade, era pelo menos incompleto e errado para a compreensão afectiva do público médio português.

Em 1861, António José Viale abria as aulas de Literatura Antiga na Curso Superior de Letras, salientando o valor cultural e estético das letras clássicas e manifestando o propósito de «procurar infundir nos animos juvenis, não uma esteril admiração, mas um louvável desejo de louvar ou de reformar o proprio gosto litterario». Ao mesmo tempo, valia-se dos argumentos de Villemain para mostrar que o estudo da literatura grega e latina não era obstáculo ao livre desenvolvimento do engenho

nem cerceava as asas do génio. Era o puro cultor das letras clássicas, que se carteava em grego e latim com os seus discípulos, entre os quais figuram Epifânio e Gonçalves Viana, que nele falava.

Mas, em 1894 e em 1911, Gonçalves Guimarães e Leite de Vasconcelos punham em novos termos a defesa dos estudos greco-latinos. O primeiro assentava os seus argumentos em razões de ordem linguística, mostrando a necessidade do estudo do grego para a completa compreensão do vocabulário técnico das ciências naturais e da medicina. O segundo, frisando embora o valor cultural e formativo do estudo do latim, insistia no seu valor instrumental, posto ao serviço da filologia românica e, particularmente, da filologia portuguesa.

Manifestavam-se aqui as tendências particulares de dois infatigáveis espíritos, um a combinar as letras clássicas com o cultivo das ciências naturais, outro a procurar no latim a veia perene dos seus interesses mais directos. Mas neles se revelava também a evolução do ambiente cultural português, que tendia a fazer dos estudos clássicos uma especialização a seu modo técnica, circunscrita a raros eleitos, e se fechava para o conhecimento geral e directo das literaturas antigas.



Mal colectivo, não seremos nós quem vá atirar aos estudos liceais ou aos estudos universitários desse tempo a primeira pedra. Muito menos ainda nos esqueceremos de que a actividade dos nossos mais recentes humanistas pretendeu várias vezes forçar as condições insuficientíssimas da preparação para os estudos superiores do grego e do latim. E igualmente nos é impedido esquecer que a actividade renovadora de um Epifânio Dias, de um Júlio Moreira e de um Gonçalves Guimarães no campo dos estudos clássicos estava dentro das suas atribuições e correspondia à elevada categoria mental dos seus espíritos. A eles, a outros continuadores e aos seus discípulos se deve que Portugal tenha acompanhado a renovação da ciência linguística estrangeira referente ao grego e ao latim. A eles tam-

bém se ficou devendo a limitada, mas ainda assim única, difusão das investigações e conclusões da filologia clássica.

Novos livros didácticos apareceram ao público português. O ensino do grego e do latim melhorou nas suas bases científicas, na iluminação dos seus problemas e nas próprias condições técnicas da sua didáctica. Somente, contra os seus próprios esforços, o quadro desses estudos diminuiu, o interesse social fragmentou-se, e novas necessidades instantes e permanentes solicitaram a maioria dos espíritos para os problemas da cultura técnica e prática.

A actual falta de professores para o ensino do latim e a exclusão do grego do quadro das disciplinas liceais são directa consequência de tais factores. Mas os poucos espíritos que, lutando por vezes com a incompreensão do ambiente, conseguiram adquirir a preparação suficiente e necessária, logo se ergueram a altas regiões da investigação linguística e revelaram, na segurança da erudição, no seu labor didáctico, e até no comentário incisivo e clarificante de algumas obras da literatura portuguesa antiga, a excelência da sua formação clássica e a vasta projecção do seu saber.

Foram professores públicos ou particulares de línguas clássicas António José Viale, Epifânio Dias, Júlio Moreira, Gonçalves Guimarães, José Maria Rodrigues, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos e Carlos Eugénio Correia da Silva (Paço de Arcos). E quem ignora até que ponto alto e largo de perspectivas a cultura clássica não influiu nos seus estudos da língua portuguesa, na investigação ou solução dos nossos problemas filológicos, na iluminação das nossas obras literárias antigas e até na criação de discípulos de segura formação científica ?

Poucos como eram, mas tais como poucos há, ficaram longe de realizar todo o seu programa. Mas nem por isso faltou ao plano disperso das suas realizações aquele mesmo sentido do interesse nacional que os inclinou para o estudo da filologia românica e aquele espírito científico que lá fora renovava e valorizava com novas aquisições o sector cultural dos estudos linguísticos.

Em 1911, José Leite de Vasconcelos inaugurava o seu curso de Língua e Literatura Latinas na Faculdade de Letras de Lis-



boa, e, insistindo embora na importância dos estudos desta natureza dentro dos domínios da filologia, não esqueceu o interesse que a literatura do Lácio teria para o estudo dos nossos escritores clássicos e sobretudo para o daqueles que, latinos pela linguagem, foram nos séculos xvi, xvii e xviii portugueses pelo espírito e pelo coração.

O estudo destes últimos autores mereceu-lhe especial referência. Segundo as suas próprias expressões, a literatura latino-nacional, «não obstante a cópia de materiaes archivados na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, no *Index* dos codices de Alcobaça, e em algumas obras de *Historiographia scientifica*, nunca foi estudada, nem no conjunto, nem de modo synthetico, nem mesmo com relação a auctores avulsos. Como mereceria a pena que alguém tomasse a empresa nos ombros, e nos dêsse, por exemplo, uma bibliographia completa, uma resenha dos caracteres d'essa litteratura, uma monographia do latim de André de Rêsende, de Diogo de Teive, e assim por diante! A tarefa poderia alargar-se, e virmos a obter uma historia do *latim em Portugal*: não só o emprêgo litterario, senão também menção das edições e commentos, quer em latim, quer em portugûês, que entre nós se fizeram de auctores antigos ; noticia das traducções, das obras didacticas (grammaticas, dictionarios, selectas), do ensino escolar; a influencia geral, — tudo explicado, analysado, e submettido á fieira da crítica».

Uma história do latim em Portugal, eis, portanto, a obra de benemerência e de cultura que aos estudiosos da filologia clássica se apresentava como serviço nacional. Para isso, porém, haviam de acumular-se as monografias e os estudos parcelares, literários e linguísticos, onde a informação histórica e filológica caminhasse pelos modernos caminhos da investigação científica.

Tarefa desmedida para as dizimadas hostes da filologia clássica... E tarefa tanto maior quanto as circunstâncias especiais dos estudos greco-latinos obrigavam os seus melhores cultores a dispersarem-se pela actividade docente, pela organização de obras didácticas, pela análise e estudo das línguas românicas, deixando-lhes limitado tempo para os enlevos da pura investigação linguística ou para a análise filológica e literária dos nossos autores latinos do Renascimento.

Mais recentes monografias de filólogos e humanistas contemporâneos têm anunciado a tentativa de realizar essa tarefa. Mas os seus trabalhos dispersos esperam ainda maior largueza de investigação para se erguerem à síntese e ao bosquejo histórico da nossa actividade humanista nos séculos de Quinhentos a Setecentos.

Desmedido seria, pois, o nosso intuito, se pretendêssemos, por nossa parte, historiar o movimento dos nossos estudos clássicos no final do século xix e princípios do século decorrente. No entanto, a rápida enumeração \*e caracterização geral da actividade de cada um dos nossos humanistas mais recentes permitirá a quem nos ler fazer ideia da importância do que fizeram e do que desejavam fazer.

\*

\*            \*

Já vimos que foi a António José Viale que Epifânio Dias e Gonçalves Viana ficaram devendo a sua preparação no campo das letras clássicas. O domínio que Epifânio Dias possuía do grego e do latim facilitou-lhe a tarefa da renovação científica dos respectivos estudos. Mas o antigo professor do Curso Superior de Letras fizera a sua formação anteriormente ao aparecimento entre nós dos métodos científicos europeus. A sua *Miscellanea Hellenico-Litteraria*, se não revela sentido filológico apurado, mostra, no entanto, claras aptidões didácticas e um intuito de divulgação que olhava principalmente ao conhecimento literário das obras dos escritores greco-latinos.

Epifânio Dias foi professor de grego e de latim em vários liceus do país, e, finalmente, professor de grego no Curso Superior de Letras e na Faculdade de Letras de Lisboa. Apesar de reger apenas esta última disciplina, a feição comparativista que dava ao seu ensino permitia-lhe, concomitantemente, revelar os seus conhecimentos nas duas línguas e nelas orientar os seus alunos. As necessidades de divulgação que o ambiente português impunha deram necessariamente à sua actividade primordial aspecto didáctico; mas, não obstante, a novidade das informações e o rigor da documentação e sistematização mani-

festavam nele o constante labor da investigação ou da assimilação do saber linguístico estrangeiro.

A novidade dessas obras didáticas, enriquecidas com as mais recentes informações da gramática histórica, não foi imediatamente compreendida e aceite. O inovador teve de gastar-se em polémicas um tanto longas e acerbadas, que nem por isso deixaram de contribuir para a melhoria das condições didáticas em que eram feitos os estudos clássicos entre nós.

Júlio Moreira, professor particular de grego e de latim, acompanhou-o na renovação das obras escolares e no valor científico das interpretações e dos comentários gramaticais. Por sua vez, Gonçalves Guimarães, professor catedrático de Língua e Literatura Latina na Faculdade de Letras de Coimbra, em acumulação com a regência de Gramática Comparativa do Grego e do Latim, instaurava em Portugal a pronúncia normal do latim clássico, organizando um breviário dessa pronúncia publicado em 1913, e defendia, como vimos, o estudo do grego nos cursos preparatórios para os estudos de Filosofia, Ciências Naturais e Medicina

José Maria Rodrigues foi também professor catedrático de Língua e Literatura Grega na Faculdade de Letras de Lisboa, depois de igualmente o haver sido no antigo Curso Superior de Letras. E, se bem que nos não deixasse obras e estudos especiais do grego e do latim, os seus trabalhos de investigação e estudos dos problemas de fontes denunciam desde logo uma longa convivência com os autores clássicos. Teses de teologia escritas em latim mostram, por sua vez, quanto lhe era familiar esta língua.

José Joaquim Nunes foi professor catedrático de Língua e Literatura Latina na Faculdade de Letras de Lisboa, mas deu-se particularmente aos estudos de filologia românica, o que, ainda assim, o não impediu de colaborar na organização de obras didáticas respeitantes à língua latina e de escrever notícias críticas e bibliográficas para revistas da especialidade.

Semelhantes se apresentam as características da actividade de José Leite de Vasconcelos, como professor extraordinário da Secção de Filologia Clássica e encarregado da regência de Língua e Literatura Latina na Faculdade de Letras de Lisboa. No entanto, apesar do reduzido âmbito dos seus trabalhos greco-

-latinos, nem por isso se torna necessário pôr em evidência quanto o conhecimento das linguas clássicas facilitou a sua tarefa de filólogo, de etnólogo e de polígrafo erudito.

Mais inclinado ao estudo das linguas e literaturas antigas foi o malogrado espírito de Carlos Eugênio Correia da Silva (Paço de Arcos). Professor durante um escasso ano lectivo na Faculdade de Letras de Lisboa, dele nos ficou, como tese de licenciatura, o *Ensaio sobre os Latinismos dos Lusíadas* e vários estudos clássicos menores, insertos no volume *Vita Brevis*.

Finalmente, se não foram professores de linguas clássicas nem para aí voltaram particularmente a sua actividade, delas mostraram no entanto notável conhecimento três ilustres professores da Faculdade de Letras de Coimbra: — D. Carolina Michaelis, António Garcia Ribeiro de Vasconcelos e D. Manuel Gonçalves Cerejeira. E mostraram-no, no ponto mesmo em que esses conhecimentos facilitaram a sua tarefa erudita, a sua investigação conscienciosa e a sua actividade docente.



Não obstante, cremos poder verificar-se mais uma vez, através deste rápido conspecto geral, que os humanistas portugueses contemporâneos, obrigados a dividirem-se por múltiplas tarefas, na febre de preencherem com a variedade das investigações e dos temas estudados as lacunas do nosso movimento intelectual nos fins do século xix e princípios do século decorrente, tiveram de multiplicar-se em esforços repetidos, em diversas funções oficiais e em vários campos de actividade intelectual.

As circunstâncias particulares do nosso ensino não lhes permitiram, de modo geral, entregar-se à investigação puramente clássica, e o número diminuto de obreiros não lhes concedeu sufficiente desafogo de braços, para que a actividade docente lhes não limitasse ou circunscrevesse o campo das suas investigações. No domínio dos estudos clássicos, o ministério didáctico absorveu-lhes grande parte da atenção.

Mas a sua seriedade intelectual, o seu escrúpulo científico e a projecção do seu saber no campo da filologia românica dificilmente se apagarão entre nós, como timbre de quem, honrando as letras clássicas, igualmente se honrou e nos honrou.

F". COSTA MARQUES

*N. B.* — Indicamos a seguir, por ordem cronológica, as principais obras em que achámos parte dos elementos que nos serviram para redigirmos esta breve notícia histórica. Nelas encontrará o leitor interessado a enumeração bibliográfica dos estudos, edições, traduções, comentários e escritos greco-latinos dos nossos mais recentes humanistas.

Desnecessário se torna acrescentar que foi igualmente no conhecimento das publicações desses humanistas que baseámos a outra parte das afirmações que fizemos.

- ANTÓNIO JOSÉ VIALE — *Miscellanea Hellenico-Litteraria*. Imprensa Nacional, Lisboa, 1868.
- A. J. GONÇALVES GUIMARÃES — *O Grego em Portugal*. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1894.
- JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS — *Da Importancia do Latim*. Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1911.  
— *Prefação* ao volume 11 dos *Estudos da Lingua Portuguesa*, por Júlio Moreira. Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1913.
- A. J. GONÇALVES GUIMARÃES — *Breviário da Pronúncia Normal do Latim Clássico*. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1913.
- JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS — *Epiphania Dias*. Sua Vida e Labor Científico. Imprensa Nacional de Lisboa, 1922.
- F. Rebelo Gonçalves — *Epifânia Dias*. Separata da «Revista da Faculdade de Letras», tomo 11, Lisboa, 1934.
- GUSTAVO CORDEIRO RAMOS — *Elogio Histórico do Prof. José Joaquim Nunes*. No «Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», vol; ix, 1937, págs. 135-163.
- ANSELMO FERRAZ DE CARVALHO — *Doutor Gonçalves Guimarães*. Separata de «O Instituto», vol. 100.º Coimbra Editora, Coimbra, 1942.
- JÚLIO DANTAS, REBELO GONÇALVES e GUSTAVO CORDEIRO RAMOS — *Diseursos na Sessão de Homenagem ao Insigne Sábio e Académico Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos* em 15 de Dezembro de 1941. Separata do «Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», vol. xiii Lisboa, 1942.
- JOSÉ MARIA RODRIGUES, JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS e ANTÓNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCELOS (*Bibliografias de—*). No «Anuário Académico de 1942». Academia das Ciências, Lisboa, 1942.